



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
DOCENTE: LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS**

ANA KARINE DE SOUSA MOURA COÊLHO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE EM DUAS COLEÇÕES DO
LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**PICOS
2021**

ANA KARINE DE SOUSA MOURA COELHO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE EM DUAS COLEÇÕES DO
LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito básico para a conclusão do
Curso de Letras da Universidade Federal do
Piauí (UFPI).

Orientadora: Prof. Ma. Lidiany Pereira dos
Santos.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

C672v Coêlho, Ana Karine de Sousa Moura

Varição linguística: uma análise em duas coleções do livro didático do ensino fundamental / Ana Karine de Sousa Moura Coêlho – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo - CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Monografia (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos-PI, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lidiany Pereira dos Santos.

1. BNCC. 2. Livro Didático. 3. Variação Linguística. I. Santos, Lidiany Pereira dos. II. Título.

CDD 401.9



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às nove horas do dia 28 de janeiro do ano de dois mil e vinte e um, na sala virtual do *Google Meet*, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do **Profa. Dra. LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **ANA KARINE DE SOUSA MOURA COELHO**, do curso de Letras desta Universidade com o título: “**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL**”. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Profa. Dra. LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS (orientadora –presidente)**, **Profa. Dra. SOLANGE CHRISTIANE GONZALEZ BARROS (1ª examinadora)** e **Profa. Dra. ELIZABETH GONÇALVES LIMA ROCHA (2ª examinadora)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: **após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções**. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido às seguintes notas: 8,5 (oito vírgula cinco) 8,0 (oito vírgula zero) e 8,0 (oito vírgula zero). Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **8,1 (oito vírgula um)**. E para constar, eu, LIDIANY PEREIRA DOS SANTOS, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 28 de janeiro de 2021.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Presidente

1º examinador

2º examinador

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Ana Karine de Sousa Moura Coêlho²

Lidiany Pereira dos Santos³

RESUMO: O presente trabalho objetiva discutir, mediante as orientações da BNCC, como o conteúdo variação linguística é ensinado na sala de aula, tendo como objeto de pesquisa o Livro Didático. Dessa forma, selecionou-se dois livros didáticos de duas coleções de 7º ano para se avaliar como o aluno é instruído a compreender do que trata este assunto, ou seja, se as orientações da Base Nacional realmente são contempladas nesses materiais de ensino. Tem-se como pressuposto teórico Faraco (2008), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), BNCC (2017), entre outros. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que, conforme Paiva (2019), “tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que já existe sobre o objeto estudado”. Como resultados, apresentam-se alguns pontos convergentes e outros divergentes nas obras analisadas no que diz respeito às orientações da BNCC quanto ao ensino sobre variação linguística.

Palavras-chave: BNCC. Livro Didático. Variação Linguística.

ABSTRACT: This work aims to show, through the guidelines of the BNCC, how the linguistic variation content is taught in the classroom, having the Didactic Book as a research support. Thus, two textbooks were selected from two 7th Year collections to assess how the student is instructed to understand what this subject is about, that is, whether the guidelines of the National Base are really covered in these teaching materials. The theoretical assumption is Faraco (2008), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), BNCC (2017), among others. It is a qualitative bibliographic research that, according to Paiva (2019), explains that the bibliographic research “aims to contextualize a research and show what already exists about the object studied”. As a result, some converging and diverging points were presented in the works analyzed with regard to the BNCC.

Keywords: BNCC. Textbook. Linguistic variation.

1. Introdução

No Brasil, desde o início da nossa história política e cultural, o preconceito linguístico é manifestado de várias formas. Há uma crença na superioridade linguística de uma variante em relação as demais, isso está enraizado na nossa sociedade e é

¹Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Português e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), como requisito parcial para a aprovação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

²Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras – Português e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) e-mail: ana_karinemoura11@hotmail.com

³Professora Adjunta do Curso Letras – Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB) e-mail: lidianysantos1@ufpi.edu.br

proporcionada por uma cultura que privilegia o status social de cada indivíduo, o espaço geográfico ao qual pertence, desconsiderando totalmente qualquer variação ocorrida na língua.

Desse modo, o preconceito linguístico consiste em uma cultura de discriminação social, principalmente quando partem das pessoas cultas, que se denominam verdadeiros detentores do saber. Nesse sentido, Bagno (2009) afirma que há uma tradição cultural das pessoas se queixarem dos “erros” cometidos por outras ao usar a língua, julgando e apresentando os supostos descasos dessas com a língua portuguesa:

Essas acusações tradicionais [...] se baseiam numa série de preconceitos que tentam interpretar os fenômenos sociais e culturais pela ótica exclusivamente no senso comum, sem recorrer a nenhuma explicação científica [...]. (BAGNO, 2009, p.15)

O preconceito linguístico, ainda que muitos insistam em esconder ou não falar sobre, existe e merece atenção e isto deve iniciar na sala de aula, nos livros didáticos, no estudo da língua, a fim de que as crianças tenham em mente que a língua a qual utiliza é uma gama de mutações e variações e que, absolutamente, todas importam e nenhuma é desprezível.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar se o livro didático de fato está seguindo as orientações da BNCC e PCN no que diz respeito à variação linguística, já que o livro didático, muitas vezes, é a principal fonte de pesquisa para o ensino de língua portuguesa. Por isso foi feita uma análise a fim de verificar se a abordagem do conteúdo sobre variação linguística no livro didático realmente é suficiente para ajudar a compreender e a combater o preconceito linguístico. Dessa forma, pretende-se averiguar se o livro didático está sendo um agente enriquecedor no combate ao preconceito linguístico nas escolas.

2. A variação linguística no ensino de língua portuguesa

2.1 A norma culta e o ensino de Língua Portuguesa

O português é uma língua derivada das várias transformações ocorridas no Latim, mais precisamente originário do *Latim Vulgar*, que nunca foi bem visto pelos gramáticos tradicionais, os quais prezam por uma língua cheia de regras e normas. Durante séculos é repassada uma gramática que deve ser seguida à risca na escola e nos livros didáticos, desconsiderando totalmente a língua específica de cada indivíduo. O que ocasiona um enorme problema na vida estudantil dos alunos, segundo Faraco:

A gramática é um enorme bicho-papão na nossa vida. Desde os primeiros anos de escola, somos aterrorizados por uma lista de termos e conceitos que mal compreendemos e por um conjunto de regras de correção que nos são apresentadas como intocáveis fenômenos da língua, os quais, pelo seu anacronismo e artificialismo, não fazem muito sentido para a maioria dos falantes contemporâneos. (FARACO, 2008, p.131)

Essa norma que é apresentada aos alunos é vista por estes como impossível de ser aprendida, acarretando o desinteresse e proporcionando um grave problema: o preconceito dos próprios educandos por se julgarem como incapazes de aprender essas regras e normas que são predominantes no ensino de língua portuguesa. No entanto, o obstáculo que perpetua no ensino é algo que vem sendo enraizado desde o início do ensino, pois a norma culta predominante na escola é ultrapassada, seguindo as velhas gramáticas, os autores considerados exemplares e a língua usada pelas pessoas influentes na sociedade antigamente, distanciando-se drasticamente da real língua que é falada hoje em dia. Esse modelo de língua não leva em conta as transformações recorrentes com o passar do tempo, muito menos as variações ocorridas.

O que se observa, então, é que, após a democratização do ensino, os alunos provenientes das classes mais desfavorecidas encontram na escola um modelo de língua distante do seu, e talvez aí esteja não só a causa do fracasso escolar, mas também a contribuição para que este mesmo aluno ache que realmente fala errado a língua que é sua por direito. (ALMEIDA; NUNES, 2012, p. 169)

Nesse sentido, Faraco (2008) destaca que *norma* é como “se diz” naturalmente na comunidade e não “como se deve dizer”, ou seja, “*norma* designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” (FARACO, 2008, p.40), e não regras de como se deve falar. Mas, no ensino da disciplina de Língua Portuguesa a norma culta é repassada como um conjunto de regras para falar e escrever corretamente, esta é nomeada por Faraco como “norma curta⁴”, pois é:

Um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/*Standard*. (FARACO, 2008, p. 92)

Pode-se observar que foi criada ao longo da história uma confusão entre norma culta e gramática normativa, e os professores tradicionais tendem a seguir um sistema educacional que considera como “certo e adequado” no ensino de língua portuguesa apenas

⁴ Chamamos aqui de “norma curta”, de acordo com Faraco (2008), aquilo que tem predominado e que tem servido de referência nas nossas escolas, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia, pela ação de revisores das editoras, por manuais de redação dos grandes jornais, pelos livros de “bom-português”, por cursinhos pré-vestibulares e por elaboradores de questões de concursos públicos.

as normas ditadas pela “*Norma Culta*”, proibindo qualquer forma de comunicação que se distancie desta.

De acordo com Faraco (2008):

Basta, em nome desse ente etéreo – a Sra. Dona Norma Culta - asseverar categoricamente o que se imagina ser o certo e o errado, como se houvesse indiscutível consenso sobre o assunto e fossem claras e precisas as linhas, divisórias entre o “condenável” e o “aceitável”, entre o que a Sra. Dona Norma Culta “aceita”, “admite”, “exige” e o que ela “condena”, “proíbe”, “não aceita”, “não admite”. (FARACO, 2008, p. 25)

Dessa forma, é evidente que a norma culta (como é repassada nas escolas) não é a solução para o problema no ensino, nem para a discriminação social existente, pois apenas o seu domínio não é suficiente para um cidadão ser considerado elitizado e possibilite acesso a direitos básicos. No ensino, é essencial que os profissionais da educação e os autores dos livros didáticos considerem as variações linguísticas e para tanto precisam desenvolver um ensino que leve em consideração as diferenças correntes em nosso âmbito cultural e desconstrua o preconceito.

2.2 Variação linguística nos documentos oficiais: PCN e BNCC

O português, no seu processo histórico, desde que se firmou como língua de um povo é fruto de queixas de colapso⁵, pois seus falantes nativos são acusados de estarem matando-o incessantemente. “Seguindo essa linha de pensamento, o português, desde que se firmou como língua de um povo soberano, há quase mil anos, é um idioma permanentemente moribundo...” (BAGNO, 2009, p.16), há uma crença na superioridade linguística, a qual dá espaço à mitologia do *preconceito linguístico*. Bagno (2015) destaca alguns mitos que estão enraizadas em nossa sociedade dando vida a esses preconceitos os de que “*Brasileiro não sabe português/ Só em Portugal se fala bem português*”, “*Português é muito difícil*”, “*peessoas sem instrução falam tudo errado*”, entre outras acusações sem fundamento.

São essas acusações falsas que dão sustentação ao *preconceito linguístico*, que é assim definido por Bagno (2009) em citação ao *Dicionário Houaiss*:

Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p. ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui

⁵ Queixa de Colapso na visão de Bagno (2009) e como os tradicionais acreditam que a língua portuguesa está morrendo, ou seja, é como muitos acreditam que a língua portuguesa se encontra preste a desaparecer, pois seus falantes não estão seguindo as normas ditadas pelas velhas gramáticas.

gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) (BAGNO, 2009, p.16)

Como fica claro, o preconceito linguístico é a opinião ou convicção formada, previamente, sem o devido conhecimento dos fatos ou circunstâncias que envolvem um processo, um acontecimento ou uma situação. É uma forma de rejeição e humilhação, além de ser uma pressão psicológica de constrangimento, expressando intolerância e aversão a usos da língua fora dos considerados modelares na sociedade, tais como: marcas identitárias de desprestígio social, econômico, cultural, político, entre outros. Sendo assim, o preconceito linguístico pode assumir várias formas de discriminação existente entre “grupos sociais ou povos específicos”, não havendo respeito entre as variações linguísticas existentes.

No ensino de Língua Portuguesa em nosso país o preconceito linguístico é alimentado a partir da desconsideração total das variações conhecidas pelos alunos, e perpetuando na imensa maioria o ensino que valorize apenas a norma culta. Bortoni-Ricardo (2005, p.14), a este respeito afirma “A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado”, ou seja, a língua usada pelas pessoas de classe desfavorecida cultural e economicamente deve ser desconsiderado no âmbito escolar o que, segundo Bortoni-Ricardo, gera:

Pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentido de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.14-15)

2.2.1) Variação linguística nos PCN

O Ministério da Educação na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN's, (1998), felizmente, já reconhece essa diversidade na língua e destaca que a variação sempre foi encontrada e que o preconceito linguístico deve ser combatido.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29).

Tendo em vista, os avanços em pesquisa a respeito desse tema e os PNC's defenderem um ensino pautado na diversidade e respeitando as variações, é possível combater o preconceito linguístico entre os falantes, tanto em nível de ensino quanto de pessoa para pessoa, como destaca Bortoni-Ricardo: "Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa." (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15) E assim, havendo uma conscientização desde cedo por meio do ensino, o preconceito pode ser até mesmo "erradicado" da sociedade e da escola. Buscaremos analisar e observar se esses avanços de fato fazem parte da elaboração dos livros didáticos.

2.2.2 A variação linguística e a proposta da BNCC

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC de 2017/2018, também traz muitas reflexões sobre as variações linguísticas e as competências fundamentais para serem aplicadas no ensino da língua. Nessas competências específicas da língua portuguesa para o ensino fundamental, a quarta competência apresentada como fundamental é "Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos." (BNCC, 2017, p. 85) Ou seja, devemos em nossas escolas prezar por um ensino respeitoso, levando em consideração todas as formas de variações presentes em nosso contexto social e cultura, assim como, combater qualquer forma de preconceito que possa haver no ambiente de ensino. Levando assim os alunos a se interessarem pela língua portuguesa na escola e a considerá-la essencial nas suas várias formas de comunicação. A BNCC tematiza também sobre a necessidade de reflexão das variações de prestígio e desprestígio, destacando que esse assunto deve ser tematizado no ensino, pois as variedades estigmatizadas têm seu valor social e deve ser objeto de estudo e reflexão no ensino.

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BNCC, 2017, p. 79)

No entanto, apesar de vários estudos e contribuições nesse assunto, observamos que o ensino da língua portuguesa em nosso país está estagnado no tempo, perpetuando um ensino cheio de normas e regras ultrapassadas, que não fazem sentido algum para o

“alunado” da nossa geração. Os professores, o livro didático e o sistema educacional seguem aplicando em sala de aula tais normas e regras e, assim, desconsidera-se totalmente as variações e diversidades existentes do Brasil.

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2015. p. 15)

Percebe-se, que essa temática ainda está longe de ser solucionada, e que, por mais que estudos sociolinguísticos, os PCN’s e BNCC venham tentando progredir em virtude dessa desvalorização da variação linguística falada no Brasil, ainda há um longo trabalho pela frente.

Bagno (2015 p. 18) discorre que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito de “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer *a verdadeira diversidade linguística do nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

Dessa maneira, é que iremos analisar como as duas coleções escolhidas de Livro Didático abordam a variação linguística e se elas de fato, contemplam o que dizem os documentos oficiais PCN e BNCC evitando o preconceito linguístico e estimulando o desenvolvimento da competência comunicativa.

2.2.3 A variação linguística nos Livros Didáticos

Os livros didáticos no tocante à variação linguística nem sempre abordam o assunto tal como sugerido nos PCN e na BNCC, uma vez que este conteúdo apresenta-se limitado trazendo como exemplos apenas alguns estados do Brasil e não a conjuntura histórica, política, econômica e cultural que fundamentam a variação linguística.

No entanto, no interior da obra, ainda encontram-se passagens em que tal estudo apoia-se numa plataforma normativista, desvinculando-se da proposta da BNCC de reflexão sobre língua em uso. Tais situações são marcadas por textos que são usados como pretexto para que se encaixem nos exemplos do tópico gramatical escolhido numa dada unidade, caracterizando uma abordagem, tradicional da gramática. (PNLD, 2020, p. 143-144)

Há ainda um longo trabalho pela frente, para que cada dia mais o ensino e o livro didático desmistifique o ensino e aprendizagem da “norma culta”, voltando-o para uma educação de qualidade que se atente às necessidades e expectativas dos estudantes que ao chegar à escola não vejam sua língua ser vítima de preconceito. É fundamental que as variações linguísticas sejam estudadas e respeitadas.

O livro didático no contexto escolar é imprescindível para as escolas da rede pública brasileira, uma vez que é um material quase que exclusivo na consulta e apoio pedagógico dos professores para o ensino/aprendizagem dos alunos e para muitos educandos é o único livro que têm acesso. Rocha (2014, p.18) destaca que o livro didático “constitui uma importante ferramenta de trabalho utilizada na sala de aula, sendo também um instrumento de apoio, servindo como referencial para os professores, além de ampliar a visão de mundo dos alunos.” Deixando explícito que o livro é necessário nas escolas para apoio dos professores e é responsável por ampliar os conhecimentos dos alunos. Lopes (2007, p. 208 apud ROCHA, 2014, p.18) define o livro didático como “uma versão didatizada do conhecimento para fins escolares e/ou com o propósito de formação de valores”, permitindo o aprofundamento de conteúdos.

Ainda mais que o livro didático é a única fonte de acesso à cultura letrada de milhares de brasileiros. E como tal o livro didático e a escola precisam adequar-se a essas necessidades, como fica explícito em Bagno (2015, p. 282) “uma escola democrática e democratizadora tem de respeitar a diversidade linguística e impor esse respeito na formação de seus alunos.” A escola juntamente com todo o material à disposição dos professores – inclusive o livro didático que é a principal fonte de apoio às aulas de língua portuguesa – precisam ser matrizes de empoderamento linguístico. Seguindo o pensamento de Belini e Sousa (2013, p. 216) “Entendemos que, reconhecendo a variação como característica imanente a toda e a qualquer língua, a escola não pode se eximir de mostrar ao aluno o que são, por que ocorrem e como ocorrem as variações de uma língua.”

No entanto, nesse material e nas escolas há ainda uma cobrança gigantesca, para que, as variações estigmatizadas sejam abandonadas e as variedades prestigiadas sejam adotadas por todos. Tornando-se muitas vezes uma questão de imposição, pois o que se observa nos livros didáticos, nos compêndios gramaticais e nos manuais dedicados “[...] a língua é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento.” (BAGNO, 2015, p.188). O ensino que observamos é voltado, muitas vezes, a nomenclaturas técnicas para ser aplicada em análises morfológicas e/ou sintáticas de fragmentos de textos

descontextualizados sem nenhum objetivo claro e definido, para que assim, os alunos decorrem regras que não fazem sentido algum no seu dia a dia.

A fim de amenizar esse sufrágio, muito já tem se discutido sobre a democratização e estudo das variações linguística no livro didático e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), é um importante aliado neste assunto. É o mais antigo dos programas voltados à distribuição e aprimoramento do livro didático aos estudantes da rede pública de ensino brasileiro, iniciou-se com outra nomenclatura, em 1935, ao longo do tempo o programa foi aperfeiçoado e recebeu diversos nomes e formas de atuação. Apenas em 1985, o programa foi denominado de PNLD, e as transformações e aperfeiçoamentos continuaram ao longo da história, a fim de adequar-se às novas exigências, havendo “uma busca permanente para responder, de modo mais adequado, à complexa realidade do livro didático nos contextos editorial e educacional brasileiro”.⁶ Assim como, “[...] a avaliação das obras didáticas submetidas à inscrição no PNLD 2020 busca garantir a qualidade do material a ser encaminhado à escola, incentivando a produção de materiais cada vez mais adequados às necessidades da educação pública brasileira [...]”⁷. No entanto, no PNLD de 2020, encontramos ainda problemas como:

No que diz respeito às atividades de Análise Linguística/Semiótica, a BNCC preceitua que devem ser contextualizadas, entretanto, isso ainda não se verifica nas obras avaliadas, pelo menos, na maior parte delas. Muito embora as atividades propostas quase sempre partam do texto, estas são meros pretextos para o estudo da teoria gramatical – com exercícios de identificação e classificação de termos, frases ou expressões enquanto deveriam estar voltados para o desenvolvimento de um trabalho de reflexão sobre os usos da língua portuguesa falada no Brasil e para o reconhecimento dos efeitos de sentido decorrentes do emprego de tais recursos. (PNLD/2020, p. 20)

O Guia Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) é importantíssimo para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico, pois nele o professor juntamente com comunidade escolar tem acesso a resenhas de todos os livros aprovados pela PNLD e através desta avaliação encontraram o material que mais se adequa às necessidades dos educandos. É válido “destacar a importância que esses têm como instrumentos de apoio ao trabalho pedagógico, haja vista que contribuem para a ação docente, assumindo um papel significativo nos processos de ensino e de aprendizagem.”⁸ Destacando aqui a importância do livro didático no ensino e aprendizagem aos milhões de brasileiros inseridos nas escolas.

⁶ PNLD, 2001.p.19

⁷ PNLD, 2020.p.07

⁸ PNLD, 2020.p.3

Assim sendo, é fundamental a escolha de livros didáticos que atendam às necessidades da comunidade escolar e o docente como responsável por essa escolha é essencial, uma vez que, o docente conhece a realidade local e deve procurar um material adequado. Assim como, é essencial que o professor apresente-se como protagonista na sala de aula e utilize métodos criativos, usando o livro didático apenas como apoio, e não ficar inerte apenas nele.

Fica evidente o impacto positivo no ensino/aprendizagem disposto pelo PNLD, havendo adaptações, assim como, uma conscientização tanto editorial quanto dos docentes. Dessa forma, em primeiro aspecto, temos as Editoras que têm mais atenção à produção de livros no tocante à variação linguística e procurando adequar-se às normas da BNCC, no entanto, alguns aspectos da nossa língua ainda não estão sendo abordados, pois alguns livros consideram apenas a gramática normativa como certa, no entanto, é essencial destacar as variações sociais e regionais como detentoras de prestígio e respeito; em segundo aspecto, os docentes têm que se conscientizar, uma vez que, o livro didático não é o único material à sua disposição, há muitas outras fontes metodológicas, muito mais poderosas e atraentes aos alunos.

3. Metodologia

Com base nos objetivos propostos, o estudo foi realizado a partir da pesquisa bibliográfica de autores consagrados na área e na análise de dois livros didáticos: “Língua Portuguesa Geração Alpha e Português Conexão e Uso”, escritos, o primeiro pelos autores Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella Cleto e o segundo pelas autoras Dileta Delmanto e Laiz Carvalho, ambos do 7º ano do Ensino Fundamental anos finais (a escolha do 7º ano do Ensino Fundamental anos finais, justifica-se por ser a série base do ensino fundamental e espera-se que esse conteúdo possa ser trabalhado de maneira satisfatória como recomendam os documentos oficiais) observando se as variações linguísticas estão presentes no ensino. Os referidos livros fazem parte de duas coleções, as quais fazem parte do ensino de 40% das escolas públicas que contêm o ensino fundamental anos finais em sua grade curricular, na cidade de Picos-PI. Sendo que na referida cidade, há apenas 5 coleções em uso, em uma totalidade de 14 escolas. Eles foram escolhidos como material de análise desta pesquisa, justamente pelo fato desses dois livros serem bastante utilizados nas instituições públicas da referida cidade.

O método de pesquisa é bibliográfico e feito por meio de artigos, livros, jornais, revistas, entre outros, e tem como objetivo colher o máximo de informações possíveis sobre

o tema em estudo, o que possibilita um melhor preparo para efetivar a pesquisa, mostrando que o investigador tem familiaridade com o assunto. Paiva (2019) explica que a pesquisa bibliográfica “tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que já existe sobre o objeto estudado”. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica possibilita um estudo mais aprofundado ao pesquisador, proporcionando objetividade e clareza sobre o objeto estudado. Ampliando ainda o conhecimento e se tornando imprescindível para o pesquisador que busca respostas.

Quanto à abordagem metodológica, a pesquisa é de cunho qualitativo, pois pretende analisar se o livro didático aborda a variação linguística e de que forma faz isso, de acordo com Paiva (2019), descreve que a pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender e descrever fenômenos sociais. Quanto ao objetivo é de natureza explicativa, pois tem a finalidade de identificar se a variação linguística está presente e se é eficaz no aprendizado. Zanella (2013, p. 34) afirma que a pesquisa explicativa “é aquela centrada na preocupação de identificar fatores determinantes ou de contribuição no desencadeamento dos fenômenos”.

Assim, foram retirados dos livros didáticos, em análise, recortes de trechos de textos e questões nas quais é tratado o “estudo das variações linguísticas”, observamos de que forma os autores trataram do assunto. Em seguida, problematiza-se como deveria ser o ensino em relação à variação linguística, conforme os documentos oficiais, especialmente, a BNCC.

4. Análise e Discussão

Antes de iniciarmos as análises, é relevante pontuar, como ficou evidente anteriormente, que as transformações na língua acontecem naturalmente ao longo do tempo e estas podem ser explicadas por diversos fatores, pois, como sabemos, a sociedade é diversificada e, assim sendo, conta com diferentes classes sociais, com níveis de escolaridade distintos, localidades diferentes, entre outros aspectos, os quais refletem diretamente na língua. É notório também que a sociedade é profundamente desigual e a língua é um reflexo desta. Há mudanças o tempo todo, conseqüentemente, conforme a língua é falada as transformações acontecem e devem ser estudadas e compreendidas.

Como sabemos, a língua é heterogênea e deve ser estudada como tal, mas, em contrapartida, é sabido também que as escolas e o livro didático muitas vezes apresentam apenas uma variante como certa e adequada, considerando-a como homogênea. Tendo em vista este equívoco que é perpetuado em nossas escolas e principalmente nos livros

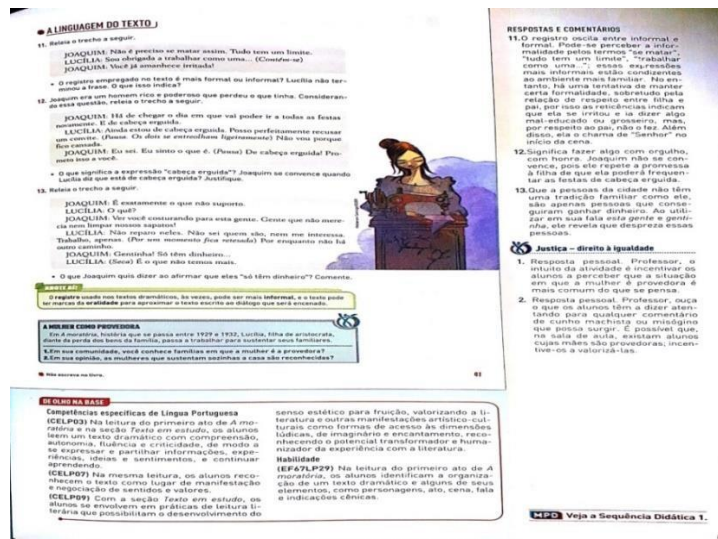
didáticos, procuraremos analisar duas coleções do 7ºano do ensino fundamental e observar se os mesmos estão abordando a Variação Linguística como os documentos oficiais recomendam.

Ao analisar as duas coleções de livro didático, discorremos sobre essas coleções abordando sobre questões relacionadas àquilo que julgamos que todo aluno do 7ºano deveria saber ao término do ensino fundamental maior no que diz respeito à variação linguística. Os Livros Didáticos **Língua Portuguesa Geração Alpha** e **Português Conexão e Uso** apresentam, de forma geral, orientações tanto para os docentes como para os alunos no que diz respeito a terem uma compreensão mais clara sobre Variação Linguística, pois, na visão dos autores, caberá à escola explicar a diversidade linguística em sala de aula para que todos os alunos se familiarizem com esse tema por meio também dos gêneros, entre eles: contos, crônicas, propagandas, infográficos, artigos, reportagem, leis, etc. No entanto, o primeiro livro limita-se a referir-se apenas a alguns gêneros, destacando que nesses é usado uma linguagem “mais formal ou informal”, como ficará claro nas análises seguintes, e em nenhum momento explica de fato o que seria esta linguagem mais formal ou informal.

4.1 Análise da Coleção 1⁹

O livro Geração Alpha (2018) aborda a Variação Linguística da seguinte forma:

Figura 1- A língua presente no texto dramático ¹⁰



Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha, 2018.

⁹ Língua Portuguesa Geração Alpha 7º ano dos autores Everaldo Nogueira, Greta Marchetti e Mirella Cleto. Editora: SM Ano: 2018.

¹⁰ Imagem em Anexo ao final

Figura 2- Competências específicas de língua portuguesa (CEPL)¹¹ na escrita de textos dramáticos

DE OLHO NA BASE

Competências específicas de Língua Portuguesa (CELP03) Com a proposta da seção *Agora é com você!*, os alunos são instigados a produzirem textos escritos com compreensão, autonomia, fluência e criticidade.

(CELP05) Com a proposta desta seção, os alunos empregam, no texto dramático, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação.

(CELP09) Na mesma seção, ao retomar a leitura de contos e texto dramático, os alunos se envolvem novamente em prática de leitura, valorizando a literatura.

Habitabilidade (EF4LP50) Na seção *Agora é com você!*, os alunos transformam um conto em texto dramático (teatral), indicando rubricas, explicitando a caracterização física e psicológica das personagens e os seus modos de ação, reconstruindo a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador, explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando a temática.

(EF4LP55) Nesta seção, ao redigir as falas das personagens, adaptando o conto escolhido para texto dramático, os alunos precisarão reconhecer as variedades da língua falada de modo a fazer o uso consciente da modalidade escrita para representar situações de fala, conferindo expressividade ao texto produzido.

AGORA É COM VOCE!

ESCRITA DE TEXTO DRAMÁTICO

PROPOSTA

Você leu o primeiro ato de *A moratória*, no qual identificou elementos que caracterizam o texto dramático, com um texto que apresenta personagens, cenário, rubricas, iluminação. Por meio dessa leitura, também viu que, nesse gênero, a história é normalmente apresentada por meio da interação entre as personagens.

Agora, você vai transformar um dos contos, lidos nos capítulos 1 e 2 desta unidade, em texto dramático. Depois de escrito o texto, a sua turma reservará um dia para a leitura expressiva das produções realizadas por você. Nesse dia, será lançado o livro *Do conto ao drama*, uma coletânea com os textos dramáticos da turma.

GÊNERO	PÚBLICO	OBJETIVO	CIRCULAÇÃO
Texto dramático	Alunos do 7º ano	Transformar um conto em texto dramático, atendendo às características do novo gênero	Coletânea de textos dramáticos, roda de leitura expressiva e biblioteca da escola

PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DO TEXTO

- Para dar início à proposta, reúnam-se em grupos de quatro integrantes.
- Releiam os contos dos capítulos 1 e 2 para escolher aquele que será transformado em um texto dramático.
- Retornem as atividades da seção *Texto em estudo* para relembrar as características e elementos do texto dramático.
- Releiam a trecho de *A moratória*, observem seu começo e anotem a estrutura do texto no caderno.
- Escrevam os nomes das personagens que compõem o conto escolhido, um embaixo do outro. Se preferirem, façam uma breve descrição de cada personagem da história, com características físicas e psicológicas.
- Não se esqueçam de utilizar rubricas (entre parênteses e em itálico, cada-tem o texto).
- Descrevam o cenário da história, utilizando a criatividade para retratar espaços e marcar tempos diferentes, assim como fez Jorge Andrade.
- Descrevam também como deve ser a iluminação, que, muitas vezes, complementa as ações, criando uma ambientação para as cenas.
- Procuram escrever a peça somente com as falas e expressões das personagens, tornando o texto mais dinâmico. Em algumas peças teatrais, uma personagem se dirige diretamente ao público para contar a própria história ou a história de outro. Tal recurso, no entanto, deve ser bem planejado e compor o texto com naturalidade.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

- Proposta:** Para a retextualização dos contos lidos na unidade, é importante que os alunos dominem o enredo do conto escolhido e a estrutura do texto dramático. Se julgar válido, releia com os alunos todos os contos estudados, para que eles possam se apropriar das histórias e possam decidir qual delas vão querer transformar em texto dramático.
- Planejamento e elaboração do texto:** Auxilie os alunos na organização dos grupos e, em seguida, peça a eles que digam de quais elementos do texto dramático eles se lembram. Escreva os elementos no quadro ou peça aos alunos que o façam no caderno, incentivando-os a elaborar um esquema para a criação do texto.
- Avaliação e reescrita do texto:** A função dessa subseção é levar os alunos a compreender que qualquer produção escrita precisa de uma segunda leitura e reescrita. Esse inclusive, é o caminho para uma produção textual bem finalizada.
- Circulação:** Auxilie os alunos na montagem do livro *Do conto ao drama*, cuidando da impressão e da encadernação dos textos. No dia da leitura expressiva, lembre-os de que parte do conteúdo expressivo está nas rubricas que eles escreveram. Organize-os em cadeiras dispostas na frente da sala ou em uma grande roda. Se achar interessante, peça a eles que escolham um dos textos dramáticos para ser encenado.

Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha, 2018.

O livro em questão não dispõe de nenhum capítulo voltado exclusivamente à variação linguística. Não há explanações ou comentários aprofundados a esse respeito. Dessa forma, a variação linguística, segundo observamos, é abordada, de modo bastante limitado, pois não é discutido a conceituação de variação linguística nem os fatores que a circundam. Na primeira imagem, eles destacam apenas que em textos dramáticos, às vezes, pode ser empregada uma linguagem mais informal e apenas é apresentada uma questão sobre a língua, como podemos observar na questão 11. (p.41):

11. Releia o trecho a seguir.

JOAQUIM: Não é preciso se matar assim. Tudo tem um limite.
LUCÍLIA: Sou obrigada a trabalhar como uma... (*Contém-se*)
JOAQUIM: Você já amanhece irritada!

¹¹ A sigla CELP representa as Competências específicas de Língua Portuguesa propostas na BNCC.

- O registro empregado no texto é mais formal ou informal? Lucília não terminou a frase. O que isso indica?

Observa-se que nessa questão, pede aos alunos apenas para identificarem qual linguagem é empregada no trecho em destaque, não há uma preocupação em identificar tais acontecimentos que norteiam a língua. No tocante à característica da questão é empregado a subjetividade, que marca a maioria das atividades dessa coleção. Dessa forma, o aluno é estimulado a refletir sobre os aspectos que perpassam a língua e dar respostas pessoais, de acordo com sua visão de mundo e os conhecimentos adquiridos no livro didático e nas aulas ministradas pelos professores, que são responsáveis por apresentarem as diversidades existentes na língua, assim como, levar os alunos a dominarem as formas privilegiadas da língua portuguesa, mas sem deixar de dar espaço àquelas que não têm tanto prestígio, mas que são de uso habitual.

Percebe-se, assim, que não há um direcionamento claro na questão sobre o uso das variações linguísticas, deixando de forma ampla e subjetiva o entendimento desse emprego.

Já na imagem seguinte, é apresentado aos professores as habilidades que devem ser empregadas na produção de textos dramáticos pelos alunos, evidenciando que o professor deve estar atento sobre os fenômenos que perpassam a variação linguística, pois é ele quem vai explicar tais habilidades como, por exemplo: “as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) presentes na língua portuguesa do Brasil”.

O livro didático restringe-se apenas a abordar qual variedade deve ser empregada em determinado gênero e os professores ficam incumbidos de buscarem conhecimentos para explicar tais variedades, mas em momento algum proporciona aos alunos conceitos sólidos a respeito das variedades regionais e históricas; distinção entre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio; nem apresentam que as variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos, tais como: a classe social, diferenças históricas, maior ou menor nível de escolaridade, entre outros.

Levando em conta essas observações, fica claro que sem um bom desempenho do professor esse conteúdo não seria entendido pelos alunos, já que o livro didático não consegue cumprir o seu papel de repassar todas as informações no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa ao aluno da melhor maneira possível.

Figura 3- Linguagem das narrativas míticas

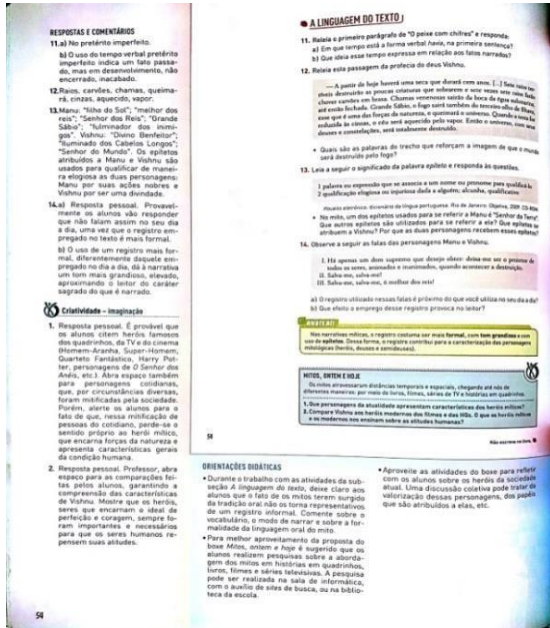
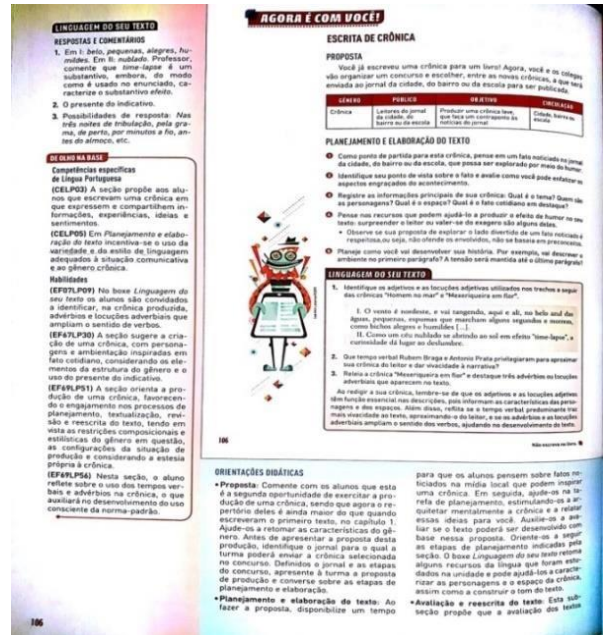
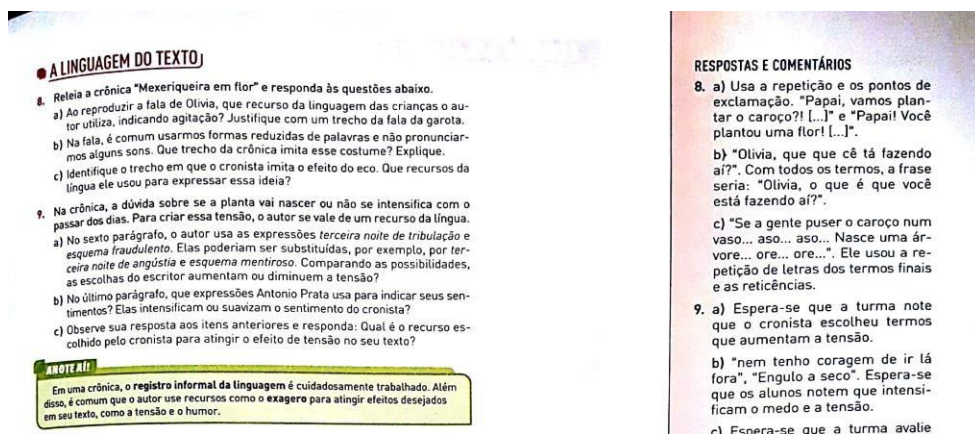


Figura 4- Produção de crônica da CELP¹²



Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha, 2018.

Figura 5- A linguagem presente na crônica



Fonte: Língua Portuguesa Geração Alpha, 2018.

O livro didático em estudo aborda, de forma bastante implícita, a questão das variedades de línguas existentes no Brasil. Como, por exemplo, na terceira imagem, questão 14:

14. Observe a seguir as falas das personagens Manu e Vishnu.

¹² Esta sigla representa a competência específica da Língua Portuguesa propostas na BNCC

I. Há apenas um dom supremo que desejo obter: deixa-me ser o protetor de todos os seres, amimados e inanimados, quando acontecer a destruição.

II. Salve-me, salve-me!

III Salve-me, salve-me, ó melhor dos reis!

O registro utilizado nessas falas é próximo do que você utiliza no seu dia a dia?

Que efeito o emprego desse registro provoca no leitor?

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

14. a) Resposta pessoal: provavelmente os alunos vão responder que não falam assim no seu dia a dia, uma vez que o registro empregado no texto é mais formal.

b) O uso de um registro mais formal, diferentemente daquele empregado no dia a dia, dá à narrativa um tom mais grandioso, elevado aproximando o caráter sagrado do que é narrado. (Nogueira, Marchetti e Cleto, 2018, p.54)

Nesta questão, podemos perceber que os autores mencionam a diferença de linguagem existente nas narrativas míticas de forma bastante reduzida, colocando-a apenas como linguagem mais formal. Na pergunta da letra (a), os autores levam os alunos a refletir se este tipo de linguagem é empregado no seu dia a dia, na questão em destaque, no entanto, não são claros os motivos da linguagem mais formal ser empregada em narrativas míticas e não serem usadas no dia a dia dos brasileiros.

Em relação à imagem seguinte, pontua-se sobre a produção do gênero crônica, na competência (CELP05)¹³ e é destacado pelos autores que em *Planejamento e elaboração do texto* incentiva-se o uso da variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa e ao gênero crônica, destacando em páginas anteriores, como fica evidente na imagem 05, que: em uma crônica, o **registro informal da linguagem** é cuidadosamente trabalhado. No entanto, em momento algum explica sobre as variedades predominantes na língua e nem destaca os motivos destas.

Nesta coleção, os autores não abordam de fato sobre a Variação Linguística, pois, como é perceptível, os mesmos limitam-se apenas à identificação de qual linguagem deve ser usada nos diferentes gêneros textuais, sendo que alguns exigem o uso da língua formal

¹³ A sigla CELP05 representa a competência específica da Língua Portuguesa propostas na BNCC, sendo a competência em destaque a 05 que é “5. Empregar, nas interações sociais, a variação linguística e o estilo de linguagem adequados à situação de comunicação, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual”.

ou em outros usa-se a língua informal e em nenhum momento preocupam-se em conceituar tais definições e as diferenças existentes entre a língua formal e informal. E também, como é nítido nas propostas de produção destes diferentes gêneros, deixam aos professores explicações de que estes devem evidenciar qual variedade os alunos devem fazer uso ao produzir seus textos, mas não apresentam aos discentes os conceitos e definições de tais variedades linguísticas presentes na língua.

Assim, o livro em questão diverge das orientações dos documentos oficiais, pois não há a discussão no que tange às variações e suas vertentes, impossibilitando os discentes de compreenderem a importância delas, ou seja, de entenderem a dinamicidade de sua língua materna e a beleza desse fenômeno.

4.2 Análise da Coleção 2¹⁴

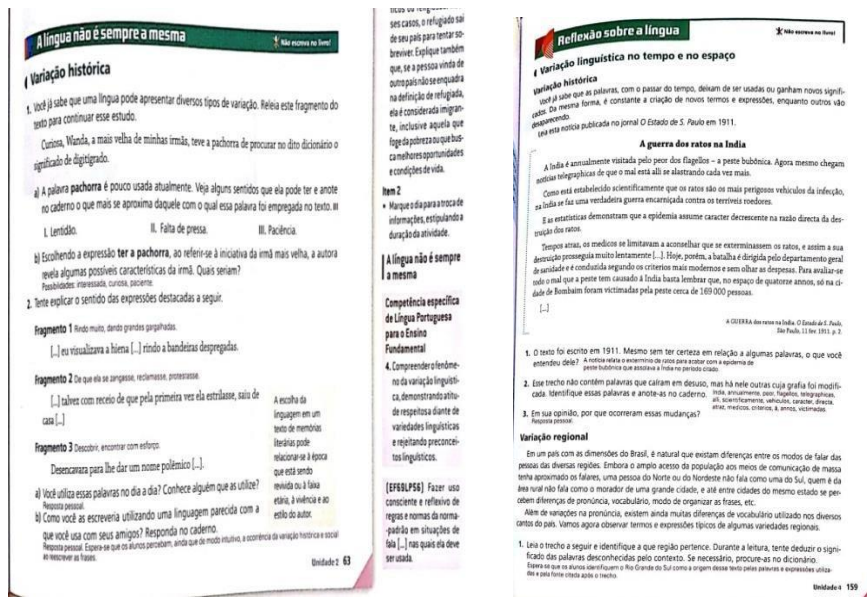
Nessa segunda coleção a variação linguística é abordada no decorrer das Unidades presentes no livro, não havendo capítulos específicos que abordem o assunto. As unidades por sua vez, são compostas por duas Leituras, e as leituras são divididas por partes. Por isso é importante destacar algumas observações a respeito do trajeto percorrido no levantamento e análise dos dados sobre o *corpus* estudado. Na intenção de trazer uma verificação mais detalhada, somente foi analisado aquilo que se refere à variação linguística no decorrer das unidades.

Uma visão ampla da coleção nos permite afirmar que a Variação Linguística é abordada de forma clara e objetiva, pois as autoras trazem reflexões sobre a variação histórica e geográfica; distinção entre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio; variação linguística no tempo e no espaço. Estas são abordadas do seguinte modo:

Figura 6 e 7- Atividade sobre Variação histórica / Explicação e atividade referente Variação linguística no tempo e no espaço¹⁵

¹⁴ Língua Portuguesa Conexão e Uso do 7º ano dos autores Dileta Delmanto e Laiz Carvalho. Editora: Saraiva. Ano: 2018.

¹⁵ Imagem em anexo ao final



Fonte: Língua Portuguesa Conexão e Uso, 2018.

O livro do 7º ano, Língua Portuguesa Conexão e Uso, que foi o nosso segundo material de análise, exemplifica a forma como as autoras pensam que deva ser trabalhado o assunto Variação Linguística, porque elas apresentam de início uma discussão bem interessante sobre a variação histórica, também podemos denominar de “Variação diacrônica que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua.” (BAGNO, 2007, p.47). Sendo essa uma importante forma de o aluno compreender que a fala e a escrita não estão estagnadas no tempo, que estas sofrem transformações a todo instante e, como sabemos, a sociedade não é sempre a mesma, consequentemente a língua também muda a todo momento e estas mudanças são ainda mais perceptíveis se compararmos textos e diálogos antigos com os de hoje. No exercício proposto no livro didático, na imagem 04, evidencia-se que o modo como falamos e escrevemos muda constantemente e se observarmos textos literários de outras épocas, essas mudanças são ainda mais evidentes, ou seja, a língua é um sistema variável e está em constante desenvolvimento.

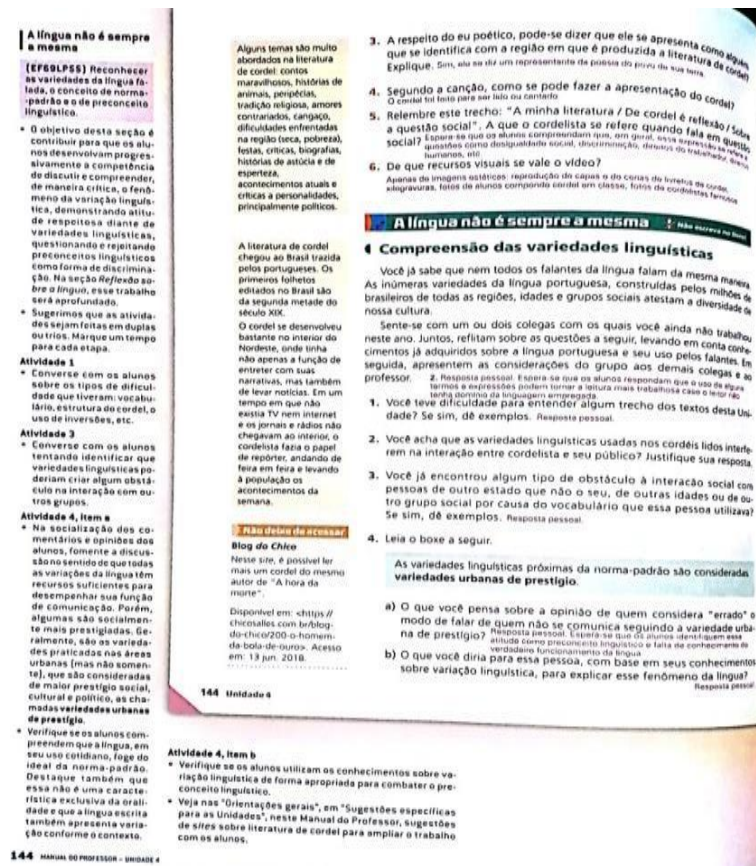
Além do mais, na imagem 05, é novamente discutido sobre variação histórica e acrescenta-se ao diálogo os motivos da variação regional que de acordo com Bagno (2007, p.48), “Dialeto: designa o modo de falar de uma determinada região.”— e isso é marcante em nosso país, pois de acordo com as autoras, com as dimensões do Brasil, é natural que existam diferenças no modo de falar das pessoas das diversas regiões. Salienta ainda que os meios de comunicação de massa sejam importantes ferramentas na aproximação dos falares, no entanto, as pessoas da zona rural não se comunicam como as dos grandes

centros, as diferentes regiões têm suas peculiaridades no falar e até mesmo entre cidades do mesmo estado se percebe diferenças na pronúncia, vocabulário, entre outros.

Esse livro didático não fica limitado às variedades regionais e históricas, pois apresenta que as variações de uma língua ocorrem por diferentes motivos.

Observa-se que o espaço dedicado à variação histórica e regional, apesar de contundente, ainda é limitado uma vez que ainda há muitos aspectos para serem abordados e discutidos. Tendo em vista que as mudanças linguísticas acontecem por diversos motivos tais como classes sociais, adequação, sexo, distinção de idade, entre muitos outros. Sabemos que a língua muda porque varia e termos menos usados desaparecem, enquanto que os mais usados ganham lugar no linguajar e nas gramáticas. Dessa forma, nenhuma variação deve ser considerada “errada” ou “feia”, pois como sabemos tem explicação científica para todos os denominados “erros” e estes podem vir a ser considerados o certo.

Figura 8 – A unidade IV traz uma explicação para as variedades linguísticas¹⁶



Fonte: Língua Portuguesa Conexão e Uso, 2018.

¹⁶ Imagem em anexo ao final

Observa-se nesta unidade que há uma preocupação em compreender as variações linguísticas e espera-se que os discentes já tenham adquirido uma bagagem a respeito das variedades presentes em nossa sociedade e os motivos dessa ocorrência – que segundo as autoras são construídas pelos milhões de brasileiros de todas as regiões, idades e grupos sociais e atestam a diversidade de nossa cultura –, assim como uma reflexão no tocante aos “erros” cometidos por não se comunicar segundo as variedades urbanas prestigiadas, ou seja, de acordo com uma variedade mais próxima da norma-padrão.

No entanto, as autoras deixam a desejar no que diz respeito à discussão sobre o preconceito linguístico, pois esse não é conceituado nem explicado. É abordado apenas como sugestão, aos professores, de resposta da letra A, na quarta questão, a qual se refere aos “erros” e cuja proposta de resposta é pontuada da seguinte forma: “espera-se que os alunos identifiquem essa atitude como preconceito linguístico [...]”, mas em momento algum é repassado aos alunos o que realmente é o preconceito linguístico¹⁷.

Ao abordar o preconceito linguístico de forma implícita, as autoras deixam um pouco a desejar, pois trazer de forma clara e objetiva aos alunos a conceituação de preconceito linguístico, apresentando as mazelas da sociedade que o alimentam, é imprescindível para o combate deste preconceito que, assim como os demais, devem ser erradicados de nossa sociedade. Como sabemos, é importante ensinar a variação linguística com o intuito de aprender tão logo a respeitar as diferenças, inclusive no que diz respeito à língua portuguesa, pois, como é sabido, as pessoas têm uma forte tendência em menosprezar as outras pela roupa que vestem, pelo bairro em que moram e, principalmente, pela variação linguística que dominam. É na educação igualitária, respeitosa e numa distribuição equivalente dos bens sociais que a ascensão social poderá ser alcançada por todos.

Figura 9– Explicações sobre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio¹⁸

¹⁷Como mencionado anteriormente preconceito linguístico é “Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p. ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos.” (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*) (BAGNO, 2009, p.16)

¹⁸ Imagem em anexo ao final

Reflexão sobre a língua Não escreva no livro!

A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro, a língua portuguesa apresenta muitas variações.

As variações de uma língua em razão das diferentes condições socioeconômicas, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são tecnicamente conhecidas por **variedades linguísticas**.

1. Leia o poema a seguir, escrito por Oswald de Andrade, poeta e intelectual que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa do Brasil.

vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem miô
Para pior piô
Para telha dizem téia
Para telhado dizem teado
E vão fazendo telhadões

ANDRADE, Oswald de. Vício na fala. In: ____ *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 38. © Oswald de Andrade

a) Que palavras no poema não estão escritas de acordo com a grafia oficial da norma-padrão? mio, miô, pior, piô, téia, teado.

b) Você acha que, para Oswald de Andrade, falar dessa maneira diferente é um problema? Justifique sua opinião.

Para garantir uma relativa estabilidade na língua, existe a chamada **norma-padrão**, que vimos anteriormente e que serve como conjunto de regras que podem orientar os falantes em situações que exigem formalidade.

Vimos também que as variedades mais próximas da norma-padrão recebem o nome de **variedades urbanas de prestígio** e coexistem com as demais variedades, consideradas não padrão – mas não menos válidas ou “erradas” para a comunicação entre os falantes da língua, que deve sempre considerar o contexto.

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

[...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja “errada”, “pobre de recursos”, “insuficiente para a expressão”. Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.

[...]

BAGNO, Marcos. A língua de Fátima: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2017. p. 49.

1. b) Resposta pessoal. Espere-se que os alunos respondam que não, o poeta defende posição contrária: se as pessoas consomem telhadões, qual é o problema de dizerem teados?

Se todas as variedades linguísticas são igualmente válidas na interação comunicativa, por que estudar a norma-padrão na escola?

Há vários motivos. Dominar a norma-padrão permite acessar o conhecimento acumulado por muitas gerações, permite compreender e redigir textos literários, científicos, jornalísticos, permite sair-se bem em situações relativas a trabalho, concursos e provas. Além disso, falantes de variedades desprestigiadas, com frequência, deixam de utilizar serviços a que têm direito por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos, nos contratos ou nos documentos jurídicos.

Unidade 4 149

Reflexão sobre a língua

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social, utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participação cultural, letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

[EF06LP5] Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

[EF06LP6] Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 1, Item b

- Direcione a discussão para o fato de que se desviar do padrão oficial de língua não pode ser considerado algo inferior à forma de se expressar utilizada pelos que dominam as variedades de prestígio.

Boxe complementação

- Sobre a importância do estudo da norma-padrão na escola, consulte, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, as “Sugestões específicas para as Unidades”.

Fonte: Língua Portuguesa Conexão e Uso, 2018.

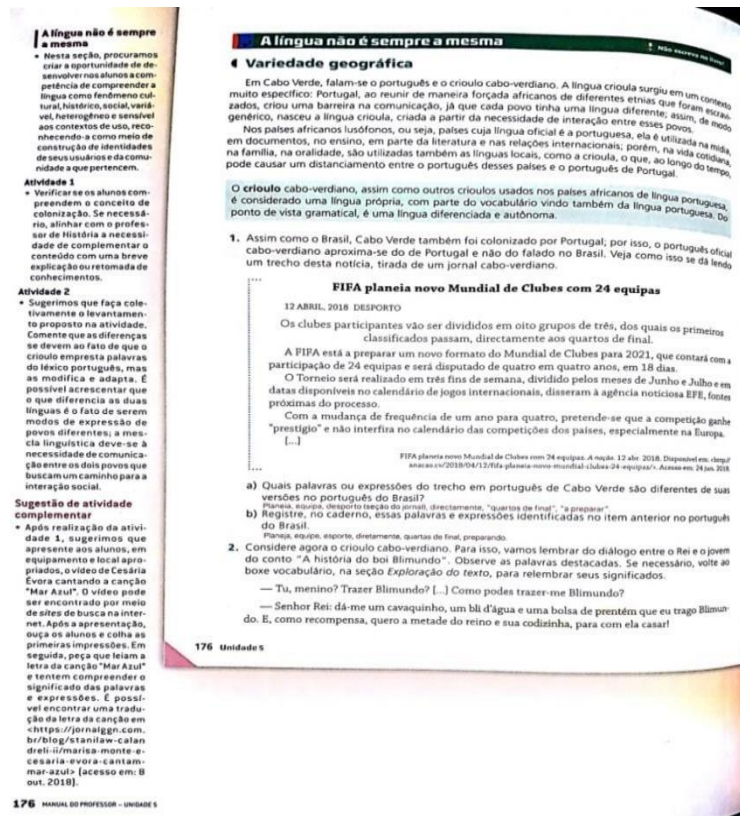
Além disso, conforme a imagem acima, elas abordam também sobre a diferença entre a Língua Portuguesa de Portugal e a do Brasil; em seguida, elas discutem as variedades presentes no nosso país bem como os motivos que ocasionam essas variações, tais como: diferentes condições socioeconômicas, culturais, regionais e históricas; trazem ainda uma discussão sobre a norma-padrão, apresentando-a como uma forma de “garantir estabilidade na língua”, sendo um “conjunto de regras que podem orientar o falante em situações que exigem formalidade”. Para mais, explicam, ainda, que as variedades mais próximas da norma-padrão recebem o nome de variedades urbanas de prestígio, destacando que essa coexiste com as demais variedades não padrão; destacam ainda, que as variedades não padrão têm o mesmo valor de prestígio da norma-padrão, devendo sempre considerar o contexto de uso.

Segundo essa linha de raciocínio essa coleção é uma importante ferramenta de desmistificação de que há apenas uma forma “correta” de se comunicar uma vez que todas as variações têm o seu prestígio social¹⁹, devendo adequar-se apenas ao contexto de uso, ou seja, se a comunicação exige ou não formalidade, exemplos: em conversa com amigos (linguagem informal); em audiência jurídica (linguagem formal). Dessa forma, a norma-

¹⁹ Prestígio social é colocado aqui no sentido de que toda variação linguística tem o seu valor de prestígio perante a sociedade.

padrão é colocada como sendo suficiente na ascensão social, no entanto, não é a única forma de comunicação, pois as demais são detentoras de prestígio assim como ela.

Figura 10– Refere-se às variedades geográficas²⁰



Fonte: Língua Portuguesa Conexão e Uso, 2018.

Ademais, conforme a imagem acima, elas abordam também sobre a importância das variações linguísticas entre os países, ou seja, no Brasil nós temos as variações linguísticas entre os estados, assim como há variação linguística em outros países que também usam a língua portuguesa, por exemplo. As autoras abordam essa variação em um país Africano como Cabo Verde, destacando que apesar da língua oficial nos países lusófonos ser a língua portuguesa, essa é usada apenas na escrita de documentos oficiais, na mídia, na escola, em parte da literatura e nas relações internacionais; no entanto, no dia a dia são usadas as línguas locais o que, ao longo do tempo, causa o distanciamento entre o português Africano e o português lusitano.

As autoras, ao discorrer sobre essa questão, deixam evidente que as mudanças na língua não são algo isolado que acontecem apenas na língua portuguesa brasileira, mas que é algo maior, estando presente em todas as regiões e entre países que falam o mesmo idioma. Pretendem, assim, levar os alunos a terem essa consciência a respeito da língua e

²⁰ Imagem em anexo ao final

das variações geográficas. Sendo que, a língua não é una, ela varia de um lugar para outro mesmo sendo o mesmo idioma falado.

Pode-se perceber no decorrer das análises que apesar desse livro ter passagens abordando sobre a variação linguística e seguindo as orientações dos documentos oficiais no combate ao preconceito linguístico, ainda encontramos um gravíssimo problema que mascara a variação linguística. Pois ao falar sobre as variações presentes entre as regiões do Brasil, assim como também, ao se referir a outros países como os Africanos que alguns estados têm como língua oficial o português, traz como exemplo fragmentos de textos de autores exclusivamente da região Sul e Sudeste do Brasil. Seria imprescindível para que houvesse o entendimento destas Variações pelos alunos, a inclusão de textos das regiões Norte, Nordeste e de países africanos para explicar os motivos de tais variações linguísticas estarem presentes na língua.

Neste segundo livro, as autoras buscam aplicar as orientações da BNCC, tal como já apresentamos anteriormente no que diz respeito ao ensino da Variação Linguística, pois as mesmas são apresentadas de forma satisfatória, as quais levam os alunos a terem consciência que a língua está em constantes transformações e que todas as variações possuem o mesmo prestígio linguístico e social que a norma-padrão devendo levar em consideração o contexto de uso, assim como, leva os professores a repensarem sobre o ensino e as normas que estão presentes no ensino de língua portuguesa no Brasil. Já o primeiro livro deixou a desejar no referente à variação linguística, uma vez que, em momento algum os autores tiveram a preocupação em explicar os acontecimentos que circundam a ocorrência da variação linguística na língua e sua importância de conhecê-la para combater o preconceito existente, tal como orienta a BNCC:

Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura. (BNCC, 2017, p. 68)

5. Considerações finais

O conceito de variação linguística, sua origem, seus usos e as suas múltiplas vertentes devem ser trazidas e ensinadas desde cedo, sendo imprescindível o estudo desta

no ensino de língua portuguesa para que os discentes saibam todas as faces da língua a qual faz uso. Não deixando de lado nenhum aspecto.

Na análise proposta, trouxemos dois livros de língua portuguesa do 7º ano do ensino fundamental, nos quais encontramos, primordialmente, o estudo das variações linguísticas, a fim de observar se os autores se preocuparam em expor esse conteúdo de forma clara e satisfatória, sendo que os documentos oficiais que regem o ensino exigem um estudo e uma explanação suficiente de conteúdos tão importantes para a formação discente.

Dessa forma o primeiro livro analisado “Língua Portuguesa Geração Alpha” traz apenas questionamentos e dentro destes alguns indícios sobre as variações linguísticas, deixando a desejar e, ainda, fazendo com o que o aluno se perca nas respostas, visto que não compreende o que está sendo proposto. Já o segundo livro “Língua Portuguesa Conexão e Uso” apresenta alguns conceitos e discorre sobre os tipos de variações de forma mais abrangente, colocando informações imprescindíveis para o entendimento de tal conteúdo, além de exercícios condizentes ao que pedem os documentos oficiais da educação.

Durante toda a análise ficou claro que embora tenha apresentado alguns pontos de evolução dos conteúdos, principalmente no segundo livro, como a inclusão da variação linguística africana, portuguesa e entre regiões do território brasileiro, ainda há um longo percurso a se percorrer para chegar a um ponto positivo para esse ensino. Sendo assim, a criação de uma cultura que valorize as variações linguísticas presentes na língua apenas com os conteúdos dos livros, principalmente do primeiro livro analisado, não chegaria a ser possível, pois como se pode perceber a variação linguística é abordada de forma ampla, não sendo possível haver uma compreensão e desmistificação de considerar como certa e adequada apenas a norma culta.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Débora Ribeiro; NUNES, Julia Loures. In: **Revista Práticas de Linguagem**. v. 2, n. 1, jan./ jul. 2012.p. 169. Disponível em: <www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2012/10/166-169-Norma-Culta-Brasileira.pdf >. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Não é Errado Falar Assim!** Em defesa do português brasileiro. v.3, São Paulo:Parábola Editorial, 2009.

BELINI, Raimunda Gomes de Carvalho; SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A Variação Linguística No Livro Didático: um olhar sob a perspectiva Sociolinguística.** v. 8 n. 10: Revista (Con) Textos Linguísticos. 2014.

Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5839>> Acesso em: 22 de novembro de 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<https://www.novaconcursos.com.br/blog/pdf/pcn-lingua-portuguesa-peb.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Nacional do Livro Didático: Recomendações para uma política pública de livros didáticos.** Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001876.pdf>> Acesso em: 12 de setembro de 2019

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2020: língua portuguesa – guia de livros didáticos.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2019. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2020_pnld2020-lingua-portuguesa.pdf> Acesso em: 18 de novembro de 2020.

FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4ª.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes De Oliveira. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

ROCHA, Raquel Barros da. **A variação linguística na sala de aula: uma análise dos livros didáticos no ensino fundamental II / Raquel Barros da Rocha.** 2014.

ANEXOS

Figura 1- A linguagem presente no texto dramático

A LINGUAGEM DO TEXTO

11. Releia o trecho a seguir.

JOAQUIM: Não é preciso se matar assim. Tudo tem um limite.
LUCÍLIA: Sou obrigada a trabalhar como uma... (*Contém-se*)
JOAQUIM: Você já amanhece irritada!

• O registro empregado no texto é mais formal ou informal? Lucília não terminou a frase. O que isso indica?

12. Joaquim era um homem rico e poderoso que perdeu o que tinha. Considerando essa questão, releia o trecho a seguir.

JOAQUIM: Há de chegar o dia em que vai poder ir a todas as festas novamente. É de cabeça erguida.

LUCÍLIA: Ainda estou de cabeça erguida. Posso perfeitamente recusar um convite. (*Pausa. Os dois se entreolham ligeiramente*) Não vou porque fico cansada.

JOAQUIM: Eu sei. Eu sinto o que é. (*Pausa*) De cabeça erguida! Prometo isso a você.

• O que significa a expressão "cabeça erguida"? Joaquim se convence quando Lucília diz que está de cabeça erguida? Justifique.

13. Releia o trecho a seguir.

JOAQUIM: É exatamente o que não suporto.

LUCÍLIA: O quê?

JOAQUIM: Ver você costurando para esta gente. Gente que não merece nem limpar nossos sapatos!

LUCÍLIA: Não reparo neles. Não sei quem são, nem me interessa. Trabalho, apenas. (*Por um momento fica retesada*) Por enquanto não há outro caminho.

JOAQUIM: Gentinha! Só têm dinheiro...

LUCÍLIA: (Seca) É o que não temos mais.

• O que Joaquim quis dizer ao afirmar que eles "só têm dinheiro"? Comente.

NOTE AÍ!

O registro usado nos textos dramáticos, às vezes, pode ser mais **informal**, e o texto pode ter marcas da **oralidade** para aproximar o texto escrito ao diálogo que será encenado.

A MULHER COMO PROVIDORA

Em *A moratória*, história que se passa entre 1929 e 1932, Lucília, filha de aristocrata, diante da perda dos bens da família, passa a trabalhar para sustentar seus familiares.

1. Em sua comunidade, você conhece famílias em que a mulher é a provedora?
2. Em sua opinião, as mulheres que sustentam sozinhas a casa são reconhecidas?

• Não escreva no livro.

41

DE OLHO NA BASE

Competências específicas de Língua Portuguesa

(CELPO3) Na leitura do primeiro ato de *A moratória* e na seção *Texto em estudo*, os alunos leem um texto dramático com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

(CELP07) Na mesma leitura, os alunos reconhecem o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos e valores.

(CELP09) Com a seção *Texto em estudo*, os alunos se envolvem em práticas de leitura literária que possibilitam o desenvolvimento do

senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Habilidade

(EF67LP29) Na leitura do primeiro ato de *A moratória*, os alunos identificam a organização de um texto dramático e alguns de seus elementos, como personagens, ato, cena, fala e indicações cênicas.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

11. O registro oscila entre informal e formal. Pode-se perceber a informalidade pelos termos "se matar", "tudo tem um limite", "trabalhar como uma..."; essas expressões mais informais estão condizentes ao ambiente mais familiar. No entanto, há uma tentativa de manter certa formalidade, sobretudo pela relação de respeito entre filha e pai, por isso as reticências indicam que ela se irritou e ia dizer algo mal-educado ou grosseiro, mas, por respeito ao pai, não o fez. Além disso, ela o chama de "Senhor" no início da cena.

12. Significa fazer algo com orgulho, com honra. Joaquim não se convence, pois ele repete a promessa à filha de que ela poderá frequentar as festas de cabeça erguida.

13. Que as pessoas da cidade não têm uma tradição familiar como ele, são apenas pessoas que conseguiram ganhar dinheiro. Ao utilizar em sua fala *esta gente e gentinha*, ele revela que despreza essas pessoas.

Justiça – direito à igualdade

1. Resposta pessoal. Professor, o intuito da atividade é incentivar os alunos a perceber que a situação em que a mulher é provedora é mais comum do que se pensa.

2. Resposta pessoal. Professor, ouça o que os alunos têm a dizer atentando para qualquer comentário de cunho machista ou misógino que possa surgir. É possível que, na sala de aula, existam alunos cujas mães são provedoras; incentive-os a valorizá-las.

MPD Veja a Sequência Didática 1.

41

Figura 6 e 7- Atividade sobre Variação histórica / Explicação e atividade referente Variação linguística no tempo e no espaço

A língua não é sempre a mesma
✦ Não escreva no livro!

Variação histórica

1. Você já sabe que uma língua pode apresentar diversos tipos de variação. Releia este fragmento do texto para continuar esse estudo.

Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de digitigrado.

a) A palavra **pachorra** é pouco usada atualmente. Veja alguns sentidos que ela pode ter e anote no caderno o que mais se aproxima daquele com o qual essa palavra foi empregada no texto. III

I. Lentidão. II. Falta de pressa. III. Paciência.

b) Escolhendo a expressão **ter a pachorra**, ao referir-se à iniciativa da irmã mais velha, a autora revela algumas possíveis características da irmã. Quais seriam?

Possibilidades: interessada, curiosa, paciente.

2. Tente explicar o sentido das expressões destacadas a seguir.

Fragmento 1 Rindo muito, dando grandes gargalhadas.

[...] eu visualizava a hiena [...] rindo a bandeiras despregadas.

Fragmento 2 De que ela se zangasse, reclamasse, protestasse.

[...] talvez com receio de que pela primeira vez ela estralasse, saiu de casa [...]

Fragmento 3 Descobrir, encontrar com esforço.

Desencavara para lhe dar um nome polêmico [...].

a) Você utiliza essas palavras no dia a dia? Conhece alguém que as utilize?
Resposta pessoal.

b) Como você as escreveria utilizando uma linguagem parecida com a que você usa com seus amigos? Responda no caderno.
Resposta pessoal. Espera-se que os alunos percebam, ainda que de modo intuitivo, a ocorrência da variação histórica e social ao reescrever as frases.

A escolha da linguagem em um texto de memórias literárias pode relacionar-se à época que está sendo revivida ou à faixa etária, à vivência e ao estilo do autor.

Item 2

- Marque o dia para a troca de informações, estipulando a duração da atividade.

A língua não é sempre a mesma

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala [...] nas quais ela deve ser usada.

Unidade 2 **63**

Reflexão sobre a língua

* Não escreva no livro!

Variação linguística no tempo e no espaço

Variação histórica

Você já sabe que as palavras, com o passar do tempo, deixam de ser usadas ou ganham novos significados. Da mesma forma, é constante a criação de novos termos e expressões, enquanto outros vão desaparecendo.

Leia esta notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1911.

A guerra dos ratos na Índia

A Índia é anualmente visitada pelo pior dos flagellos – a peste bubônica. Agora mesmo chegam notícias telegraphicas de que o mal está allí se alastrando cada vez mais.

Como está estabelecido scientificamente que os ratos são os mais perigosos vehiculos da infecção, na Índia se faz uma verdadeira guerra encarniçada contra os terríveis roedores.

E as estatísticas demonstram que a epidemia assume character decrescente na razão directa da destruição dos ratos.

Tempos atrás, os medicos se limitavam a aconselhar que se exterminassem os ratos, e assim a sua destruição prosseguia muito lentamente [...]. Hoje, porém, a batalha é dirigida pelo departamento geral de sanidade e é conduzida segundo os criterios mais modernos e sem olhar as despesas. Para avaliar-se todo o mal que a peste tem causado á Índia basta lembrar que, no espaço de quatorze annos, só na cidade de Bombaim foram victimadas pela peste cerca de 169 000 pessoas.

[...]

A GUERRA dos ratos na Índia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 fev. 1911. p. 2.

- O texto foi escrito em 1911. Mesmo sem ter certeza em relação a algumas palavras, o que você entendeu dele? A notícia relata o extermínio de ratos para acabar com a epidemia de peste bubônica que assolava a Índia no período citado.
- Esse trecho não contém palavras que caíram em desuso, mas há nele outras cuja grafia foi modificada. Identifique essas palavras e anote-as no caderno. Índia, anualmente, pior, flagellos, telegraphicas, allí, scientificamente, vehiculos, character, directa, atrás, medicos, criterios, á, annos, victimadas.
- Em sua opinião, por que ocorreram essas mudanças? Resposta pessoal.

Variação regional

Em um país com as dimensões do Brasil, é natural que existam diferenças entre os modos de falar das pessoas das diversas regiões. Embora o amplo acesso da população aos meios de comunicação de massa tenha aproximado os falares, uma pessoa do Norte ou do Nordeste não fala como uma do Sul, quem é da área rural não fala como o morador de uma grande cidade, e até entre cidades do mesmo estado se percebem diferenças de pronúncia, vocabulário, modo de organizar as frases, etc.

Além de variações na pronúncia, existem ainda muitas diferenças de vocabulário utilizado nos diversos cantos do país. Vamos agora observar termos e expressões típicos de algumas variedades regionais.

- Leia o trecho a seguir e identifique a que região pertence. Durante a leitura, tente deduzir o significado das palavras desconhecidas pelo contexto. Se necessário, procure-as no dicionário.

Espera-se que os alunos identifiquem o Rio Grande do Sul como a origem desse texto pelas palavras e expressões utilizadas e pela fonte citada após o trecho.

Unidade 4 159

Reflexão sobre a língua

(EFS9LP55) Reconhecer as variedades da língua falada [...].

Variação histórica

Atividade 2

- Na lousa, monte com os alunos uma relação dos tipos de modificação. Letras dobradas que hoje não são (anualmente, flagellos, allí, annos); letras iniciais não pronunciadas que caíram (scientificamente); ph com o som de f (telegraphicos); letras não pronunciadas que desapareceram (vehiculos, character, directa, victimadas); o e passou a ser grafado l (peor); modificação na acentuação (Índia, vehiculos, character, noticias, medicos, criterios, á); troca do z por s (atrás).

Atividade 3

- Comente com os alunos que a forma de pronunciar as palavras pode mudar ao longo do tempo, e a imprensa e os gramáticos acabam por adotar a nova pronúncia conforme a força de seu uso, atualizando a grafia e incorporando-a em dicionários e livros. Explique que foi o que aconteceu em sucessivas reformas ortográficas no Brasil e no último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Figura 8 – A unidade IV traz uma explicação para as variedades linguísticas

A língua não é sempre a mesma

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

- O objetivo desta seção é contribuir para que os alunos desenvolvam progressivamente a competência de discutir e compreender, de maneira crítica, o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, questionando e rejeitando preconceitos linguísticos como forma de discriminação. Na seção *Reflexão sobre o idioma*, esse trabalho será aprofundado.
- Sugerimos que as atividades sejam feitas em duplas ou trios. Marque um tempo para cada etapa.

Atividade 1

- Converse com os alunos sobre os tipos de dificuldade que tiveram: vocabulário, estrutura de cordel, o uso de inversões, etc.

Atividade 3

- Converse com os alunos tentando identificar que variedades linguísticas poderiam criar algum obstáculo na interação com outros grupos.

Atividade 4, item a

- Na socialização dos comentários e opiniões dos alunos, fomente a discussão no sentido de que todas as variações da língua têm recursos suficientes para desempenhar sua função de comunicação. Porém, algumas são socialmente mais prestigiadas. Geralmente, são as variedades praticadas nas áreas urbanas (mas não somente), que são consideradas de maior prestígio social, cultural e político, as chamadas **variedades urbanas de prestígio**.

- Verifique se os alunos compreendem que a língua, em seu uso cotidiano, foge do ideal da norma-padrão. Destaque também que essa não é uma característica exclusiva da oralidade e que a língua escrita também apresenta variação conforme o contexto.

Alguns temas são muito abordados na literatura de cordel: contos maravilhosos, histórias de animais, peripécias, tradição religiosa, amores contrariados, cangaço, dificuldades enfrentadas na região (seca, pobreza), festas, críticas, biografias, histórias de astúcia e de esperteza, acontecimentos atuais e críticas a personalidades, principalmente políticos.

A literatura de cordel chegou ao Brasil trazida pelos portugueses. Os primeiros folhetos editados no Brasil são da segunda metade do século XIX.

O cordel se desenvolveu bastante no interior do Nordeste, onde tinha não apenas a função de entreter com suas narrativas, mas também de levar notícias. Em um tempo em que não existia TV nem internet e os jornais e rádios não chegavam ao interior, o cordelista fazia o papel de repórter, andando de feira em feira e levando à população os acontecimentos da semana.

Não deixe de acessar

Blog do Chico

Nesse site, é possível ler mais um cordel do mesmo autor de "A hora da morte".

Disponível em: <<https://chicosalles.com.br/blog-do-chico/200-o-homem-da-bola-de-ouros>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

144 Unidade 4

Atividade 4, item b

- Verifique se os alunos utilizam os conhecimentos sobre variação linguística de forma apropriada para combater o preconceito linguístico.
- Veja nas "Orientações gerais", em "Sugestões específicas para as Unidades", neste Manual do Professor, sugestões de sites sobre literatura de cordel para ampliar o trabalho com os alunos.

3. A respeito do eu poético, pode-se dizer que ele se apresenta como alguém que se identifica com a região em que é produzida a literatura de cordel? Explique. Sim, ele se diz um representante da poesia do povo da sua terra.

4. Segundo a canção, como se pode fazer a apresentação do cordel? O cordel foi feito para ser lido ou cantado?

5. Relembra este trecho: "A minha literatura / De cordel é reflexão / Sobre a questão social". A que o cordelista se refere quando fala em questão social? Espera-se que os alunos compreendam que, em geral, essa expressão se refere a questões como desigualdade social, discriminação, direitos do trabalhador, etc.

6. De que recursos visuais se vale o vídeo? Apenas de imagens estáticas: reprodução de capas e do coraço do livretos de cordel, xilogravuras, fotos de alunos compondo cordel em classe, fotos de cordelistas famosas.

A língua não é sempre a mesma Não escreva no livro

4 Compreensão das variedades linguísticas

Você já sabe que nem todos os falantes da língua falam da mesma maneira. As inúmeras variedades da língua portuguesa, construídas pelos milhões de brasileiros de todas as regiões, idades e grupos sociais atestam a diversidade de nossa cultura.

Sente-se com um ou dois colegas com os quais você ainda não trabalhou neste ano. Juntos, reflitam sobre as questões a seguir, levando em conta conhecimentos já adquiridos sobre a língua portuguesa e seu uso pelos falantes. Em seguida, apresentem as considerações do grupo aos demais colegas e ao professor.

1. Você teve dificuldade para entender algum trecho dos textos desta Unidade? Se sim, dê exemplos. Resposta pessoal.
2. Você acha que as variedades linguísticas usadas nos cordéis lidos interferem na interação entre cordelista e seu público? Justifique sua resposta.
3. Você já encontrou algum tipo de obstáculo à interação social com pessoas de outro estado que não o seu, de outras idades ou de outro grupo social por causa do vocabulário que essa pessoa utilizava? Se sim, dê exemplos. Resposta pessoal.
4. Leia o boxe a seguir.

As variedades linguísticas próximas da norma-padrão são consideradas **variedades urbanas de prestígio**.

- a) O que você pensa sobre a opinião de quem considera "errado" o modo de falar de quem não se comunica seguindo a variedade urbana de prestígio? Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem essa atitude como preconceito linguístico e falta de conhecimento da verdadeira funcionalidade da língua.
- b) O que você diria para essa pessoa, com base em seus conhecimentos sobre variação linguística, para explicar esse fenômeno da língua? Resposta pessoal.

Figura 9– Explicações sobre a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Reflexão sobre a língua

✖ Não escreva no livro!

A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro, a língua portuguesa apresenta muitas variações.

As variações de uma língua em razão das diferentes condições socioeconômicas, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são tecnicamente conhecidas por **variedades linguísticas**.

1. Leia o poema a seguir, escrito por Oswald de Andrade, poeta e intelectual que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa do Brasil.

vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem têia
 Para telhado dizem teado
 E vão fazendo telhados

ANDRADE, Oswald de. Vício na fala. In: ———. *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 38. © Oswald de Andrade

a) Que palavras no poema não estão escritas de acordo com a grafia oficial da norma-padrão? *mio, mió, pior, pió, têia, teado*

b) Você acha que, para Oswald de Andrade, falar dessa maneira diferente é um problema? Justifique sua opinião.

Para garantir uma relativa estabilidade na língua, existe a chamada **norma-padrão**, que vimos anteriormente e que serve como conjunto de regras que podem orientar os falantes em situações que exigem formalidade.

Vimos também que as variedades mais próximas da norma-padrão recebem o nome de **variedades urbanas de prestígio** e coexistem com as demais variedades, consideradas não padrão – mas não menos válidas ou “erradas” para a comunicação entre os falantes da língua, que deve sempre considerar o contexto.

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

[...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja “errada”, “pobre de recursos”, “insuficiente para a expressão”. Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.

[...]

BAGNO, Marcos. *A língua de Euclides: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 49.

1. b) Resposta pessoal. Espera-se que os alunos respondam que não; o poeta defende posição contrária: se as pessoas constroem telhados, qual é o problema de dizerem **teados**?

Se todas as variedades linguísticas são igualmente válidas na interação comunicativa, por que estudar a norma-padrão na escola?

Há vários motivos. Dominar a norma-padrão permite acessar o conhecimento acumulado por muitas gerações; permite compreender e redigir textos literários, didáticos, técnicos, científicos, jornalísticos; permite sair-se bem em situações relativas a trabalho, concursos e provas. Além disso, falantes de variedades desprestigiadas, com frequência, deixam de utilizar serviços a que têm direito por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos, nos contratos ou nos documentos jurídicos.

Reflexão sobre a língua

Competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos [inclusive escolares] e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

[EF69LP55] Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

[EF69LP56] Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividade 1, Item b

- Direcione a discussão para o fato de que se desviar do padrão oficial de língua não pode ser considerado algo inferior à forma de se expressar utilizada pelos que dominam as variedades de prestígio.

Boxe complementação

- Sobre a importância do estudo da norma-padrão na escola, consulte, nas “Orientações gerais” deste Manual do Professor, as “Sugestões específicas para as Unidades”.

Figura 10– Refere-se a variedades geográficas

A língua não é sempre a mesma

- Nesta seção, procuramos criar a oportunidade de desenvolver nos alunos a competência de compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Atividade 1

- Verificar se os alunos compreendem o conceito de colonização. Se necessário, alinhar com o professor de História a necessidade de complementar o conteúdo com uma breve explicação ou retomada de conhecimentos.

Atividade 2

- Sugerimos que faça coletivamente o levantamento proposto na atividade. Comente que as diferenças se devem ao fato de que o crioulo empresta palavras do léxico português, mas as modifica e adapta. É possível acrescentar que o que diferencia as duas línguas é o fato de serem modos de expressão de povos diferentes; a mescla linguística deve-se à necessidade de comunicação entre os dois povos que buscam um caminho para a interação social.

Sugestão de atividade complementar

- Após realização da atividade 1, sugerimos que apresente aos alunos, em equipamento e local apropriados, o vídeo de Cesária Évora cantando a canção "Mar Azul". O vídeo pode ser encontrado por meio de sites de busca na internet. Após a apresentação, ouça os alunos e colha as primeiras impressões. Em seguida, peça que leiam a letra da canção "Mar Azul" e tentem compreender o significado das palavras e expressões. É possível encontrar uma tradução da letra da canção em <<https://jornalggn.com.br/blog/stanilaw-calandreli-ii/marisa-monte-cesaria-evora-cantam-mar-azul>> [acesso em: 8 out. 2018].

Não escreva no livro!

A língua não é sempre a mesma

Variedade geográfica

Em Cabo Verde, falam-se o português e o crioulo cabo-verdiano. A língua crioula surgiu em um contexto muito específico: Portugal, ao reunir de maneira forçada africanos de diferentes etnias que foram escravizados, criou uma barreira na comunicação, já que cada povo tinha uma língua diferente; assim, de modo genérico, nasceu a língua crioula, criada a partir da necessidade de interação entre esses povos.

Nos países africanos lusófonos, ou seja, países cuja língua oficial é a portuguesa, ela é utilizada na mídia, em documentos, no ensino, em parte da literatura e nas relações internacionais; porém, na vida cotidiana, na família, na oralidade, são utilizadas também as línguas locais, como a crioula, o que, ao longo do tempo, pode causar um distanciamento entre o português desses países e o português de Portugal.

O crioulo cabo-verdiano, assim como outros crioulos usados nos países africanos de língua portuguesa, é considerado uma língua própria, com parte do vocabulário vindo também da língua portuguesa. Do ponto de vista gramatical, é uma língua diferenciada e autônoma.

1. Assim como o Brasil, Cabo Verde também foi colonizado por Portugal; por isso, o português oficial cabo-verdiano aproxima-se do de Portugal e não do falado no Brasil. Veja como isso se dá lendo um trecho desta notícia, tirada de um jornal cabo-verdiano.

FIFA planeia novo Mundial de Clubes com 24 equipes

12 ABRIL, 2018 DESPORTO

Os clubes participantes vão ser divididos em oito grupos de três, dos quais os primeiros classificados passam, directamente aos quartos de final.

A FIFA está a preparar um novo formato do Mundial de Clubes para 2021, que contará com a participação de 24 equipes e será disputado de quatro em quatro anos, em 18 dias.

O Torneio será realizado em três fins de semana, dividido pelos meses de Junho e Julho e em datas disponíveis no calendário de jogos internacionais, disseram à agência noticiosa EFE, fontes próximas do processo.

Com a mudança de frequência de um ano para quatro, pretende-se que a competição ganhe "prestígio" e não interfira no calendário das competições dos países, especialmente na Europa. [...]

FIFA planeia novo Mundial de Clubes com 24 equipas. A nação. 12 abr. 2018. Disponível em: <<http://anaco.cv/2018/04/12/fifa-planeia-novo-mundial-clubes-24-equipas/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

a) Quais palavras ou expressões do trecho em português de Cabo Verde são diferentes de suas versões no português do Brasil?
Planeia, equipa, desporto (seção do jornal), directamente, "quartos de final", "a preparar".

b) Registre, no caderno, essas palavras e expressões identificadas no item anterior no português do Brasil.
Planeja, equipe, esporte, diretamente, quartas de final, preparando.

2. Considere agora o crioulo cabo-verdiano. Para isso, vamos lembrar do diálogo entre o Rei e o jovem do conto "A história do boi Blimundo". Observe as palavras destacadas. Se necessário, volte ao boxe vocabulário, na seção *Exploração do texto*, para relembrar seus significados.

— Tu, menino? Trazer Blimundo? [...] Como podes trazer-me Blimundo?

— Senhor Rei: dá-me um cavaquinho, um bli d'água e uma bolsa de prentém que eu trago Blimundo. E, como recompensa, quero a metade do reino e sua codizinha, para com ela casar!

176 Unidade 5

176 MANUAL DO PROFESSOR – UNIDADE 5



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, ANA KARINE DE SOUSA MOURA COÊLHO, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE EM DUAS COLEÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de MARÇO de 2021.

Ana Karine de Sousa Moura Coêlho

Assinatura